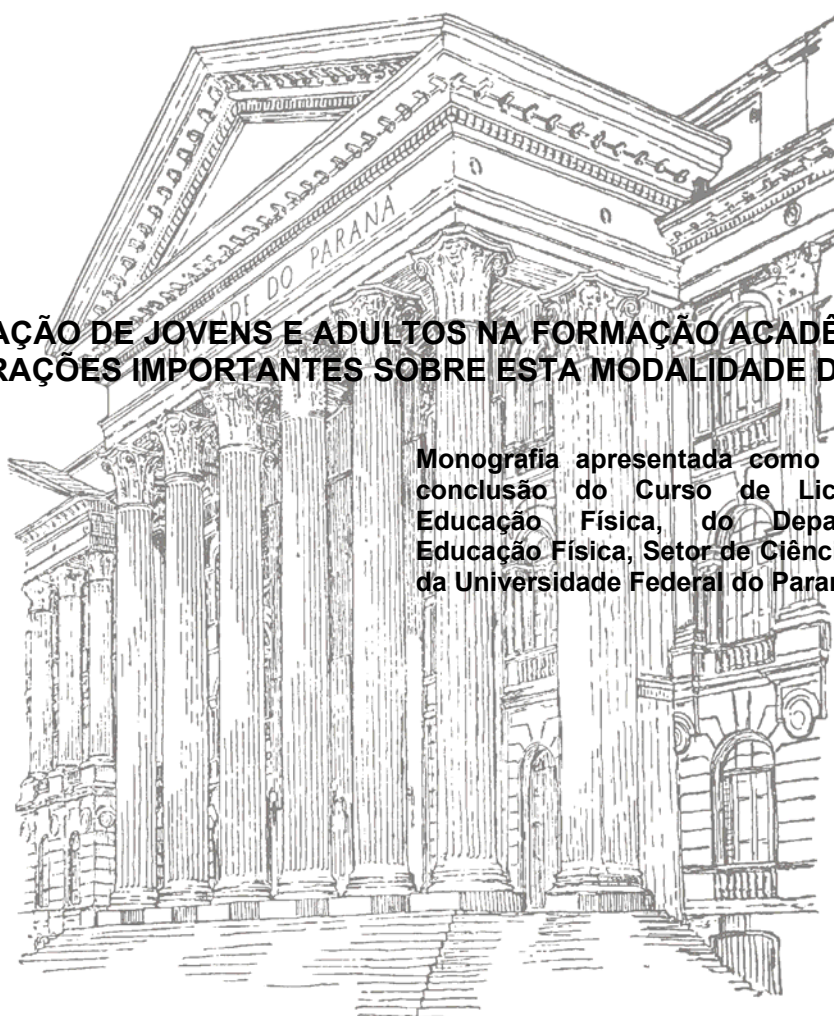


LEONARDO DE BRITTO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA:
CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE ESTA MODALIDADE DE ENSINO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2006

LEONARDO DE BRITTO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA:
CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE ESTA MODALIDADE DE ENSINO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

SERGIO ROBERTO CHAVES JUNIOR

Dedico este trabalho a todos aqueles que buscam viver fora dos modelos, inovam e inventam a cada dia um jeito novo de viver.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família, suporte e apoio de todos as dificuldades e alegrias destes anos, e pelos incansáveis incentivos. Aos companheiros das bagunças na faculdade, àqueles que se perderam pelos quatro anos de faculdade, e àqueles que aumentaram o nosso grupo de amigos durante esse tempo, principalmente aos ThunderCats. Agradeço também a família “CIDADE DORME”, pelas muitas madrugadas de alegria e de boa música, e principalmente a amizade que é o que nos motiva. A minha outra banda, SLOBS, por momentos de alegrias, que me fizeram escapar dos problemas do dia-a-dia. Aos companheiros do SESC Centro, que ajudaram no trabalho. A todos os mestres que nos transformaram em Professores, e principalmente ao meu orientador da monografia e amigo Sérgio Roberto Chaves Junior, pela grande ajuda e compreensão neste trabalho que resulta e sintetiza a época gloriosa da fase acadêmica.

Minhas mãos estão cansadas
Não tenho mais onde me agarrar
Tudo já se foi
Amizade, carinho e amor
Procure o seu caminho
Eu aprendi a andar sozinho
Isso foi há muito tempo atrás
Mas ainda sei como se faz

Trecho da música: Vou deixar que você se vá
(Thedy Correa e Edgard Scandurra)
Banda: Nenhum de Nós

SUMÁRIO

RESUMO	vii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	1
1.3 OBJETIVO.....	2
1.3.1 Objetivo Geral	2
1.3.2 Objetivo Específico	2
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	3
2 ENTENDENDO ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL	5
2.1 EJA NO PARANÁ.....	10
3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	16
4 OBSERVAÇÃO DAS AULAS	22
5 REFLEXÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	29

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos, a EJA, é a modalidade de ensino que atende àqueles indivíduos que não tiveram possibilidades de continuar seus estudos no período escolar regular, ou seja, o Ensino Fundamental e Ensino Médio no tempo previsto. A EJA proporciona a estas pessoas uma oportunidade de terminar estas etapas de ensino, com o intuito de inserir novamente na sociedade este aluno ou aluna, que eram discriminados ou não tinham oportunidade de trabalho devido a falta de formação escolar. A Educação Física está presente também no currículo desta modalidade de ensino, tendo como característica o estudo da cultura humana, ou seja, que estuda e atua sobre o conjunto de práticas ligadas ao corpo, ao movimento, criadas pelo homem ao longo da história. Esta disciplina tem um caráter diferenciado e algumas particularidades dentro desta modalidade de ensino, como por exemplo: ela é uma matéria que pode ser presencial, com obrigatoriedade da presença nas aulas, ou semi-presencial, onde o aluno pode comparecer a aula, assinar a lista de chamada e ir embora, tendo a sua presença computada na aula, e ainda alguns alunos têm a premissa da dispensa das aulas, seguindo alguns quesitos para esta regalia, como a carga de trabalho superior a seis horas, aluno(a) maior de trinta anos de idade e a aluna que tenha prole, e ainda alguns outros quesitos obrigatórios. O Professor de Educação Física atuante nesta modalidade de ensino, durante a sua formação acadêmica, tem pouco ou nenhum contato sobre a EJA, ou seja, o professor se forma, pode atuar nesta modalidade de ensino, mas não está preparado para lidar com as particularidades deste grupo com quem a EJA trabalha, que são indivíduos de variadas idades acima de dezoito anos, com escolaridades diversas, e três questões que devem ser levadas em conta pelo(a) professor(a) que é a cultura, trabalho e tempo, três eixos articuladores que devem nortear as ações pedagógicas e metodológicas para trabalhar com este público bastante variado, fugindo dos padrões do ensino regular.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação Física na EJA, Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Qual a importância da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), o conhecimento das suas particularidades, as pedagogias, na formação de professores de Educação Física?

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho foi realizado tendo em vista a escassez de material referente à Educação de Jovens e Adultos, principalmente relacionada com a área de Educação Física, os quais são praticamente inexistentes. Os profissionais da área de Educação Física, atuantes nesta modalidade de ensino, muitas vezes não tiveram contato com este assunto durante a vida acadêmica, e quando estão no mercado de trabalho precisam se basear em poucos livros publicados sobre o assunto, algumas vezes desatualizados e não condizentes com a realidade que realmente é encontrada na vida profissional. “Historicamente, a cultura curricularizada tem privilegiado uma forma mecânica e instrumental de organização. A lógica disciplinar que hierarquiza e fragmenta o conhecimento, limita a possibilidade de uma aprendizagem reflexiva, crítica e, portanto, significativa” (PARANÁ, 2005, p.41). O conhecimento das particularidades desta modalidade de ensino é de fundamental importância pois,

A educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. Além disso, mesmo quando se focalizam os processos de escolarização de jovens e adultos, o cânone da escola regular, com seus tempos e espaços rigidamente delimitados, imediatamente se apresenta como problemático. (DI PIERRO, 2001, p.58)

Dentro do currículo do curso de Educação Física na Universidade Federal do Paraná, a educação de jovens e adultos é tratada de uma forma sucinta, abordando superficialmente o tema, e também sem a vivência da realidade prática destas aulas,

que são aplicadas para um grupo heterogêneo, com relação às experiências de vida, diferenças etárias.

“Cada educando que procura a EJA apresenta, em sua particularidade, um tempo social e um tempo escolar vivido no decorrer de sua vida, o que implica na reorganização curricular, dos tempos e espaços escolares para atender o perfil daqueles que buscam emancipação” (PARANÁ, 2005, p.41) criando com isso, um novo paradigma na forma de ensino, uma forma diferenciada de trabalho com relação ao que é tratado pelo profissional da área nas etapas da educação básica, como a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

1.3 OBJETIVOS

1.3.2 Objetivo Geral

- Realizar uma discussão sobre a importância do entendimento das particularidades da EJA na formação de professores em Educação Física.
- Proporcionar uma pesquisa na área de educação de jovens e adultos, tendo em vista a pouca quantidade de trabalhos publicados referentes à área, e principalmente no campo da Educação Física.

1.3.1 Objetivos Específicos

- Fazer uma reflexão sobre a formação acadêmica dos professores de Educação Física que atuarão na EJA.
- Realizar uma pesquisa conjuntamente aos professores responsáveis pelas aulas de Educação Física no Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos (Ceebja) do Sesc¹ Centro, e relacionar quais são as metodologias abordadas na disciplina e os assuntos desenvolvidos.
- Proporcionar uma reflexão sobre a formação de professores de Educação Física para atuação dentro da EJA, dentro âmbito acadêmico.

¹ Serviço Social do Comércio

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na fundamentação do tema, procurei iniciar o trabalho com uma contextualização do assunto, trazendo elementos sobre o que é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), as leis, como funciona, a sua história, as disciplinas envolvidas e o perfil dos alunos. Continuando na fundamentação, pretendo estabelecer uma relação da Educação Física dentro da EJA, os objetivos, seus conteúdos, metodologias, formas de avaliação, a partir de documentos veiculados pelo Ministério da Educação e da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

Realizei também o trabalho tendo como base relatos da experiência dos profissionais atuantes no Ceebja do Sesc Centro através de observações de oito meses de aula, ou seja, trinta aulas para poder estabelecer o que é tratado pelo professor (a), pedagogias e metodologias mais coerentes com o grupo no qual é trabalhado e outros dados presentes no questionário e na entrevista. Tendo em vista que estas observações se realizaram dentro do meu estágio, a permissão para a observação e o contato com os professores foram de fácil acesso. Esta observação proposta pelo trabalho constitui-se um instrumento valioso na pesquisa qualitativa e, nessa situação, se aplica a algum objeto externo, embora possa ser utilizada a partir de diferentes perspectivas. Essa tarefa requer que se utilize processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes. Nesse caso, é fundamental que a observação das pessoas se realize num contexto real no qual desenvolvem normalmente suas atividades. (NEGRINE, 2004, p. 65-67)

Também estive trabalhando com uma entrevista semi-estruturada, com algumas questões que apontará informações ou opiniões sobre o tema, tendo em vista que só entrevistarei os professores responsáveis pelas turmas observadas. Estou escolhendo a entrevista semi-estruturada pois ela possibilita, através do que já está pensado, obter informações concretas, previamente definidas, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. (NEGRINE, 2004 p. 74)

Finalizando o trabalho, aponto algumas reflexões sobre o trabalho, com base em toda fundamentação teórica, bem como relatar as experiências que tive com a

pesquisa, com as observações das aulas, e como aluno da UFPR, tentar apontar a importância do tema ser tratado dentro do currículo de Educação Física desta universidade.

INSTRUMENTOS

Exemplo de Entrevista:

<i>1. Nome:</i>
<i>2. Onde se formou em Educação Física?</i>
<i>3. Há quantos anos é formado ?</i>
<i>4. Há quantos anos atua na EJA ?</i>
<i>5. Qual o seu contato sobre a EJA no âmbito acadêmico?</i>
<i>6. Se não teve nenhum contato, como faz para desenvolver as suas aulas (que metodologia é usada, usa-se da experiência, qual material de apoio é utilizado)?</i>
<i>7. Se teve contato, qual foram os conteúdos abordados?</i>
<i>8. Como vê a realidade da Educação Física dentro da EJA atualmente, (se teve experiências anteriores, se mudou alguma coisa)?</i>

2 ENTENDENDO ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL

No Brasil, a educação de adultos se constitui como tema de política educacional, sobretudo a partir dos anos 40. A menção à necessidade de oferecer educação aos adultos já aparecia em textos normativos anteriores, como na pouco duradoura Constituição de 1934, mas é na década seguinte que começaria a tomar corpo, em iniciativas concretas, a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola. Essa tendência se expressou em várias ações e programas governamentais, nos anos 40 e 50. Além de iniciativas nos níveis estadual e local, merecem ser citadas, em razão de sua amplitude nacional: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958(DI PIERRO, 2001).

Com essa necessidade de proporcionar educação para adultos, o Brasil em 1964, através do Ministério da Educação, organizou alguns programas para esta faixa de ensino, como o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, cujo planejamento incorporou largamente as orientações de Paulo Freire, porém o programa acabou por desaparecer, devido à violenta repressão dos governos do ciclo militar iniciado naquele mesmo ano.

O fechamento político e institucional que caracterizou a conjuntura brasileira nos anos 70 também não impediram que sobrevivessem ou emergissem ações educativas voltadas à alfabetização e pós-alfabetização inspiradas pelo paradigma freireano. Abridadas freqüentemente em igrejas, associações de moradores, organizações de base local e outros espaços comunitários, essas iniciativas experimentaram propostas de alfabetização e pós-alfabetização de adultos que se nutriram no paradigma da educação popular, impulsionando a busca de uma adequação de metodologias e conteúdos às características etárias e de classe dos educandos. (IBID. p.60).

A partir de 1969, o Governo Federal organizou o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), um programa de proporções nacionais, proclamadamente voltado a oferecer alfabetização a amplas parcelas dos adultos analfabetos nas mais variadas localidades do país. Diferentemente do que ocorrera na Campanha de 1947, o Governo Federal investiu um volume significativo de recursos na montagem

de uma organização de âmbito nacional e autônoma em relação às secretarias estaduais e ao próprio Ministério da Educação.

Ao longo dos anos 70, o Mobral diversificou sua atuação visando a sua sobrevivência e, mais para o final do período, a responder às críticas em relação à falácia dos números que apresentava como resultado ou à insuficiência do domínio rudimentar da escrita que era capaz de promover. Um dos desdobramentos mais importantes nessa linha de diversificação foi à criação de um programa que correspondia a uma condensação do antigo curso primário, assentando as bases para a reorganização de iniciativas mais sistêmicas que viabilizassem a continuidade da alfabetização em programas de educação básica para jovens e adultos. Porém este movimento foi extinto em 1985 quando o processo de abertura política já estava relativamente avançado(DI PIERRO, 2001) Nesse período, muitos programas governamentais acolheram educadores ligados a experiências de educação popular, possibilitando a confluência do ideário da educação popular, até então desenvolvido prioritariamente em experiências de educação não formal com a promoção da escolarização de jovens e adultos por meio de programas mais extensivos de educação básica.

Em 1971 um novo enquadramento legal já estava disponível: a Lei Federal 5.692 consagrara a extensão da educação básica obrigatória de 4 para 8 anos constituindo o então denominado ensino de primeiro grau e, concomitantemente, dispôs as regras básicas para o provimento de educação supletiva (corresponde a esse grau de ensino aos jovens e adultos). DI PIERRO nos indica que a ampliação da escolaridade obrigatória de quatro para oito anos de estudos, por sua vez, teve reflexos nas exigências de certificação do mercado de trabalho, o que ampliou substancialmente a procura pelos exames supletivos. Pela primeira vez, a educação voltada a esse segmento mereceu um capítulo específico na legislação educacional, que distinguiu as várias funções: a suplência (relativa à reposição de escolaridade), o suprimento (relativa ao aperfeiçoamento ou atualização), a aprendizagem e a qualificação (referentes à formação para o trabalho e profissionalização).(IDEM)

Um dos componentes mais significativos do atendimento educativo preconizado pela Lei 5.692/71 àqueles que não haviam realizado ou completado na idade própria a escolaridade obrigatória foi a flexibilidade. Prevista na letra da lei, ela

se concretizou na possibilidade de organização do ensino em várias modalidades: cursos supletivos, centros de estudo e ensino a distância, entre outras.

Nos cursos, freqüentemente vigoram a seriação, a presença obrigatória e a avaliação no processo; sua característica diferencial é a aceleração, pois o tempo estipulado para a conclusão de um grau de ensino era, no mínimo, a metade do previsto para o sistema regular. A avaliação era feita periodicamente, por disciplina e módulo, ou seja, as disciplinas eram divididas em alguns módulos durante o semestre, e estes poderiam durar de 15 dias a um mês, onde no final de cada módulo é atribuída uma nota ao aluno por meio de trabalhos ou provas.

As iniciativas de educação à distância são as que se realizam por televisão, em regime de livre recepção ou (muito raramente) recepção organizada, em telepostos que combinam reprodução de programas em vídeo, uso de materiais didáticos impressos e acompanhamento de monitor. Além dessas modalidades, a Lei 5.692/71 manteve os exames supletivos, como mecanismo de certificação, atualizando exames de madureza já existentes há longa data. Os candidatos, aqueles preparados por meio do ensino à distância ou cursos livres ou ainda aqueles sem preparação específica que desejam atestar seus conhecimentos, se submetiam periodicamente (duas vezes ao ano como regra geral) a exames finais organizados pelos estados, por disciplina e sem nenhuma exigência de matrícula ou frequência à sala de aula.(DI PIERRO, 2001) Ainda relacionando com esta temática da avaliação, a autora faz uma relação entre o paradigma da educação adotado para a EJA e os alunos que freqüentam esta modalidade de ensino:

Um elemento que vem complicar a construção de uma identidade pedagógica do ensino supletivo e de sua adequação às características específicas da população a que se destina é o processo notado em todas as regiões do país, assim como em outros países da América Latina, de juvenilização da clientela. O paradigma da educação popular de inspiração freireana, que serviu como referência para os educadores interessados em qualificar o ensino supletivo e aproximá-lo das necessidades educativas de seu alunado, havia predominantemente tomado em consideração os educandos adultos desescolarizados, trabalhadores que, mesmo morando nas grandes cidades, mantinham grandes vínculos com uma cultura rural. O que ocorre, entretanto, é que a clientela dos cursos supletivos tornava-se crescentemente mais jovem e urbana, em função da dinâmica escolar brasileira e das pressões oriundas do mundo do trabalho. Nesse sentido, mais do que uma "nova escola", voltada a um novo público, antes não atendido pela escola básica insuficiente, a educação supletiva converteu-se também em mecanismo de "aceleração de estudos" para adolescentes e jovens com baixo desempenho na escola regular. (IBID., p.64).

As conhecidas deficiências do sistema escolar regular público são, sem dúvida, responsáveis por parte da demanda do público mais jovem sobre os programas de ensino supletivo. Os dados sobre a defasagem entre a idade e a série, no ensino regular, pela sua magnitude, apontam nessa direção: em 1996, a Contagem da População (IBGE, 1997) constatava a existência de 5,3 milhões de pessoas de 15 a 19 anos freqüentando a escola em situação de defasagem de ano ou mais. O índice de defasagem aumenta progressivamente com a idade, chegando próximo de 90% entre jovens de 18 anos.

A entrada precoce no mercado de trabalho e o aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho constituem os fatores principais a direcionar os adolescentes e jovens para os cursos de suplência, que aí chegam com mais expectativas que os adultos mais velhos de prolongar a escolaridade pelo menos até o ensino médio para inserir-se ou ganhar mobilidade no mercado de trabalho (DI PIERRO, 2001).

Nesse contexto, a suplência passou a constituir-se em oportunidade educativa para um largo segmento da população, com três trajetórias escolares básicas: para os que iniciam a escolaridade já na condição de adultos trabalhadores; para adolescentes e adultos jovens que ingressaram na escola regular e a abandonaram há algum tempo, freqüentemente motivados pelo ingresso no trabalho ou em razão de movimentos migratórios e, finalmente, para adolescentes que ingressaram e cursaram recentemente a escola regular, mas acumularam aí grandes defasagens entre a idade e a série cursada.

Em um país em que o acesso à educação é seletivo, guardando simetria com as profundas desigualdades geográficas e socioeconômicas, como é o caso do Brasil, a identidade político pedagógica da educação de jovens e adultos não foi construída com referência às características psicológicas ou cognitivas das etapas do ciclo de vida (juventude, maturidade, velhice), mas sim em torno de uma representação social enraizada, de um lado, no estigma que recai sobre os analfabetos nas sociedades letradas e, de outro, em uma relativa homogeneidade sócio-cultural dos educandos conferida pela condição de camponeses ou migrantes rurais (ou sua descendência) e trabalhadores de baixa qualificação pertencentes a estratos de escassos rendimentos. (DI PIERRO, 2005, p.1120).

Atualmente, há um intenso movimento de jovens e adultos que retornam à escola. Quem não teve oportunidade de estudar na idade apropriada, ou, por algum motivo, abandonou a escola está voltando às instituições de ensino para completar

os estudos, buscando melhores oportunidades de trabalho, além de se sentirem cidadãos responsáveis pelos destinos do país. O Brasil possui mais de 65 milhões de jovens e adultos (INEP, 2003) que não concluíram o ensino básico. Desse total, 30 milhões não freqüentaram nem os quatro primeiros anos escolares, os chamados analfabetos funcionais, e cerca de 16 milhões não sabem ler, nem escrever.

Frente ao mundo inter-relacionado, desigual e inseguro do presente, o novo paradigma da educação de jovens e adultos sugere que a aprendizagem ao longo da vida não só é um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania (e, portanto, uma responsabilidade coletiva), mas também uma condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais tolerantes, solidárias, justas, democráticas, pacíficas, prósperas e sustentáveis.(DI PIERRO, 2005, p.1119).

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), assegura ensino gratuito e proporciona oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames e para isto dedica em sua estrutura uma seção inteira para a EJA. RIBEIRO faz uma crítica a essas políticas,

É fato que esse esforço político e pedagógico no sentido do reconhecimento do estatuto próprio da educação de jovens e adultos já vem sendo realizado há tempos por agentes e instituições diversas. Apesar da descontinuidade das políticas e da escassez de núcleos de pesquisa na área, a verdade é que os serviços públicos que atendem à demanda por esse serviço vêm conseguindo manter-se mesmo nas condições mais adversas, animando iniciativas de sistematização de experiências ou diretrizes por parte de educadores, além do interesse de pesquisadores ligados a universidades ou organizações não-governamentais. (RIBEIRO, 1999, p.8).

Um dos grandes desafios da EJA tem sido garantir a permanência do adulto na escola; são elevadas as taxas de evasão. As classes de EJA são bastante heterogêneas, sendo comum o fato de todos terem mais de 15 anos, trabalharem em atividades não qualificadas e trazerem histórias de fracasso escolar. Logo, conhecê-los bem, é importante para se obter melhores resultados e êxito no processo de ensino e aprendizagem. Reconhecendo as especificidades de seu público e partindo de sua realidade, o professor poderá conduzir melhor o processo de aprendizagem das diversas disciplinas. DI PIERRO,(2005) traz a relação destes grupos, as mudanças que ocorreram nos últimos, novas formas de comunicação, que facilitaram a inclusão e a motivação para a busca da conclusão do nível básico de escolarização.

O período de transição do milênio foi marcado, em todo o mundo, pelo crescimento das aspirações e da participação dos jovens e adultos em programas educacionais. Dentre as motivações para a busca de maiores níveis de escolarização após a infância e adolescência, destacam-se as múltiplas necessidades de conhecimento ligadas ao acesso aos meios de informação e comunicação, à afirmação de identidades singulares em sociedades complexas e multiculturais, assim como às crescentes exigências de qualificação de um mundo do trabalho cada vez mais competitivo e excludente. No caso brasileiro, esses fatores favoreceram a expressão de parcela da extensa demanda potencial acumulada ao longo de uma história de negação de direitos e limitado acesso à educação escolar, que legou ao presente grandes contingentes de jovens e adultos analfabetos, com reduzida escolaridade e escasso preparo profissional. (DI PIERRO, 2005, p.1122).

Esta busca dos jovens e adultos pelo conhecimento é muito importante, porém sem opções ele não tem como atingir o seu objetivo. E com várias políticas públicas que o Brasil vem desenvolvendo nestes anos, e oportunizando aos jovens e adultos a educação. Esta situação de opções e oportunidades para esta modalidade de ensino podem ser vistas no estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, a SEED.

2.1 EJA NO PARANÁ

No estado do Paraná, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná, através de seu Departamento de Educação de Jovens e Adultos vem concentrando esforços para garantir acesso, permanência e a certificação dos processos de alfabetização e escolarização da população jovem, adulta e idosa paranaense.

No que se refere à política de alfabetização de jovens e adultos, além da oferta do ensino fundamental fase I presencial pelos CEEBJAs (Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos), é incluído também os processos iniciais de aquisição da leitura e escrita. Para o conjunto dos educadores envolvidos na alfabetização Fase I vem sendo desenvolvido um intenso processo de formação inicial e continuada, no sentido de garantir a qualificação das práticas pedagógicas nesta área (PARANÁ, 2005). A oferta de Ensino Fundamental – Fase I atende jovens, adultos e idosos não alfabetizados e/ou aqueles que não concluíram em séries iniciais de ensino fundamental, com o objetivo de continuidade dos estudos e conclusão da educação básica. A mediação pedagógica ocorre de maneira interdisciplinar, não havendo nenhuma separação entre alfabetização e outras possibilidades de intermediação, que possam constituir barreiras ao

desenvolvimento educacional do educando. Este será matriculado ao mesmo tempo em todas as áreas (PARANÁ, 2006).

Os cursos de escolarização de jovens e adultos se organizam em presenciais e semipresenciais. Os cursos presenciais na rede pública estadual são ofertados exclusivamente no período noturno. O ensino fundamental fase II e o ensino médio estão divididos em quatro etapas, tendo cada uma delas a duração de um semestre. No Ensino Fundamental – Fase II, o estabelecimento escolar terá como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais, que consideram os conteúdos como meios para que os educando possam produzir bens culturais, sociais, econômicos e deles usufruírem. A frequência mínima é de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária prevista para cada disciplina, na organização individual ou coletiva, do ensino Fundamental e do Ensino Médio.(PARANÁ, 2006) A matriz curricular contempla disciplinas da base nacional comum e a matrícula é realizada nas disciplinas, com avaliação do processo (PARANÁ, 2005).

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ENSINO FUNDAMENTAL – FASE II		
ESTABELECIMENTO		
ENTIDADE MANTENEDORA: Governo do Estado do Paraná		
MUNICÍPIO: NRE:		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 1º Sem/2006 FORMA: Simultânea		
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 1440 H/A ou 1200 HORAS		

DISCIPLINAS	Total de Horas	Total de horas/aula
LÍNGUA PORTUGUESA	226	272
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	54	64
LEM – INGLÊS	160	192
EDUCAÇÃO FÍSICA	54	64
MATEMÁTICA	226	272
CIÊNCIAS CULTURAIS	160	192
HISTÓRIA	160	192
GEOGRAFIA	160	192
TOTAL	1200	1440
Total de Carga Horária do Curso		1200 Horas ou 1440 h/a

Dentro deste primeiro quadro das disciplinas abordadas na Fase II do Ensino Fundamental, podemos ver a presença da Educação Física dentro do Currículo, apesar dela estar, em comparação com as outras disciplinas, com relação as cargas horárias, com uma certa desvantagem, tendo em vista que em um total de 1440 (um mil, quatrocentos e quarenta) horas/aula, somente 64 (sessenta e quatro) horas/aula são destinadas ao ensino da Educação Física, demonstrando a disparidade em que esta disciplina está inserida no ensino da EJA.

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ENSINO MÉDIO		
ESTABELECIMENTO		
ENTIDADE MANTENEDORA: Governo do Estado do Paraná		
MUNICÍPIO: NRE:		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 1º Sem/2006 FORMA: Simultânea		
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 1440 H/A ou 1200 HORAS		
DISCIPLINAS	Total de Horas	Total de horas/aula
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA	186	224
LEM – INGLÊS	120	144
ARTE	54	64
EDUCAÇÃO FÍSICA	54	64
MATEMÁTICA	186	224
QUÍMICA	120	144
FÍSICA	120	144
BIOLOGIA	120	144
HISTÓRIA	120	144
GEOGRAFIA	120	144
TOTAL	1200	1440
Total de Carga Horária do Curso		1200 Horas ou 1440 h/a

Neste segundo quadro podemos observar a mesma situação do primeiro, sendo que a quantidade de horas/aula da disciplina de Educação Física se encontra inalterada. E relacionando e comparando a Fase II do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, podemos dizer que não há diferença com relação a situação em que a Educação Física está inserida, caso que poderia ser pensado como se os

indivíduos da Fase II e do Ensino Médio tivessem as mesmas necessidades frente a disciplina.

Os cursos semi-presenciais são ofertados, exclusivamente, pelos CEEBJAs, com matrícula por disciplina, organizados em momentos presenciais e não presenciais, no nível do ensino fundamental fase I e fase II e do ensino médio. A matriz curricular contempla disciplinas da base nacional comum, com avaliações no processo e uma avaliação estadual final.

Com relação aos educadores, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), através do Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA), desde 2003, vem promovendo momentos de formação continuada através de cursos, estudos, reflexões, produções envolvendo os educadores que atuam nessa modalidade, e então com o objetivo de construir, de forma coletiva e formativa, diretrizes curriculares estaduais específicas para EJA. Diretrizes que contemplam a diversidade de perfil dos indivíduos envolvidos, a suspensão de todas as formas de discriminação, preconceitos e processos de exclusão, bem como a ampliação do acesso e garantia da permanência no espaço escolar. GIOVANETTI faz uma análise sobre o contexto social que envolve a EJA:

A convivência com o sofrimento humano por parte de pessoas que se sentem socialmente inferiorizadas vem desafiando-me a buscar referências que apontem para perspectivas de superação da desigualdade social: estimular as pessoas a desenvolverem suas potencialidades, muitas vezes reprimidas, represadas. Potencialidades que, uma vez germinadas, possam contribuir para a superação de situações de vulnerabilidade, de sofrimento. (GIOVANETTI, 2001, p.14).

A proposta para a organização metodológica das práticas pedagógicas de EJA (PARANÁ, 2005), leva em consideração os três eixos articuladores propostos para as Diretrizes Curriculares: cultura, trabalho e tempo.

A **cultura** seria o eixo principal, que norteará a ação pedagógica, haja visto que dela emanam todas as manifestações humanas, entre elas, o trabalho e o tempo. “É necessário manter o foco na diversidade cultural, percebendo, compartilhando e sistematizando as experiências vividas pela comunidade escolar, estabelecendo relações a partir do conhecimento que esta detém, para a (re) construção de seus saberes” (PARANÁ, 2005, p.48). E para suprir essa situação que é gerada principalmente na EJA, que é flexibilidade do tempo, a cultura, que são

pontos que devem ser entendidos pelo educador, que deve ponderar sobre todos esses pontos.

“Somada à consciência crítica sobre as estruturas sociais que geram a desigualdade e sobre o papel da educação na manutenção ou transformação dessas estruturas, a valorização do diálogo como princípio educativo, com a decorrente assimilação da noção de reciprocidade na relação professor-aluno, constitui-se pilar importante da formação do educador de jovens e adultos”. (RIBEIRO, 1999, p.193).

A cultura, entendida como prática de significação, não é estática e não se reduz à transmissão de significados fixos, mas é a produção, criação e trabalho, em uma perspectiva que favorece a compreensão do mundo social.

As relações entre cultura, conhecimento e currículo, oportunizam uma proposta pedagógica pensada e estabelecida a partir de reflexões sobre a diversidade cultural, tornando-a mais próxima da realidade e garantindo sua função socializadora – promotora do acesso ao conhecimento capaz de ampliar o universo cultural do educando – e sua função antropológica – que considera e valoriza a produção humana ao longo da história. (PARANÁ, 2005, p.45).

O **trabalho**, outro eixo articulador, ocupa a base das relações humanas desenvolvidas ao longo da vida. É fruto da atividade humana intencional que busca adaptar-se às necessidades para a sobrevivência. Nesse contexto, compreender que o educando da EJA relaciona-se com o mundo do trabalho e que através desta busca melhorar sua qualidade de vida e ter acesso aos bens produzidos pelo homem, significa contemplar, na organização curricular, discussões relevantes à função do trabalho na formação humana. (PARANÁ, 2005)

O público atendido pela EJA, como já citado, é um grupo heterogêneo e esta razão se classifica principalmente no quesito do **tempo**, pois a valorização dos diferentes tempos torna-se necessários à aprendizagem do educando, considerando os saberes adquiridos na informalidade das suas vivências e do mundo do trabalho, face à diversidade de suas características, como os alunos envolvidos nos movimentos sociais, nas comunidades indígenas, dos educandos privados de liberdade, das comunidades ribeirinhas, dos portadores de necessidades especiais, dos trabalhadores sazonais. Portanto, considerar o tempo também como um dos eixos, implica em compreender suas variantes: o tempo escolar e o tempo pedagógico. Tempo escolar diz respeito ao estabelecido pelo calendário e suas

exigências burocráticas; é mecânico, passível de ser medido e impera a hora-relógio.

O tempo pedagógico tem sentido do tempo vivido, uma vez que enfoca o processo de formação e autoformação do educando e, ao priorizar a qualidade de todo o processo ensino-aprendizagem, tende a adequar ao tempo escolar essas suas necessidades eminentemente educativas.

Toda a organização do trabalho pedagógico na escola, o que inclui os diferentes sujeitos da prática educativa, necessita ser pensada da articulação satisfatória entre o tempo pedagógico e o tempo escolar. Desse modo o caráter coletivo da organização escolar permite maior segurança ao educador da EJA que, em sua ação formadora, toma para si a responsabilidade de adiantar-se ao tempo vivido pelo educando, criando espaços interativos, propondo atividades que propiciem o pensar e exercitem a compreensão de si mesmos, dos outros e do mundo. (PARANÁ, 2005). O tempo, como o fator de cultura e trabalho, como citado anteriormente, é um dos fatores interligados ao jovem e ao adulto, que educadores devem levar em conta durante as aulas, é o que trata RIBEIRO,

É necessário considerar mais um aspecto crucial para a formação de educadores capazes de promover uma educação de jovens e adultos mais eficaz e acessível ao público que a ela tem direito. Trata-se da necessidade de desenvolver competências para atuar com novas formas de organização do espaço-tempo escolar, buscando alternativas ao ensino tradicional baseado exclusivamente na exposição de conteúdos por parte do professor e avaliação somática do aluno. (RIBEIRO, 1999, p.14).

Todos estes quesitos e todas estas necessidades devem ser pensadas e repensadas, durante a formulação dos currículos e dos conteúdos a serem trabalhados dentro das disciplinas na EJA, principalmente a Educação Física, levando em conta os três eixos articuladores, **Cultura, Trabalho e Tempo**. E principalmente estas realidades devem estar presente dentro da formação deste educador que virá a trabalhar com esta modalidade de ensino, que abrange todas estas necessidades e dificuldades.

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A presença da Educação Física como componente curricular da Base Nacional Comum da Educação de Jovens e Adultos apresenta um avanço no entendimento da importância dessa disciplina na formação da cidadania. Grande avanço para a nossa área, estando presente no campo da educação, como podemos perceber na seguinte passagem: “Vivenciamos nos últimos quinze anos a afirmação gradativa do ensino da Educação Física numa perspectiva cultural humana, ou seja, que estuda e atua sobre o conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo homem ao longo de sua história”.(PARANÁ, 2006, p.46).

Como podemos perceber a Educação Física está sendo valorizada na EJA como um processo gradativo e de reconhecimento das importâncias, o que não está acontecendo no sentido inverso, ou seja, a EJA, não é valorizada e muitas vezes, nem está presente na grade curricular de alguns cursos de Educação Física, fazendo com que isso seja sentido muitas vezes no campo de trabalho, como profissionais não preparados a trabalhar com este público tão heterogêneo, ou como trata OLIVEIRA, um grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea.

O adulto, para a educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito freqüentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extra-curriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa biopsicológica da vida. Como o adulto anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana. (OLIVEIRA, 1999, p.2).

A partir dessas reflexões sobre o público e a importância da Educação Física dentro da EJA, a proposta para a disciplina deve favorecer o estudo, a integração e a reflexão da cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir das atividades propostas em benefício da sua inserção social, levando-o a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais que favoreçam o desenvolvimento de atitudes positivas, contemplando assim todas as manifestações corporais e culturais, partindo da realidade local para as diferentes culturas. Trata-se, portanto, de privilegiar nas aulas de Educação Física além da aprendizagem de movimentos, a aprendizagem para e sobre o movimento. (PARANÁ, 2006).

Por todas essas reflexões devemos entender e estar sempre cientes do público com o qual estamos trabalhando. Podemos dizer que se trata de pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade à escolarização, por fatores alheios a sua vontade. Esses educandos possuem uma gama de conhecimentos adquiridos em outras instâncias sociais, visto que, a escola não é o único espaço de produção e socialização de saberes. O atendimento a esses alunos não se refere, exclusivamente, a uma determinada faixa etária, mas a diversidade sócio-cultural dos mesmos.

Considerando que os educandos freqüentadores dessa modalidade de ensino, encontram-se em grande parte, inseridos no mundo de trabalho, é importante que o trabalho pedagógico nas aulas de Educação Física seja compatível com as peculiaridades dessa parcela de educandos. Desse modo, a aprendizagem do movimento deve ceder espaços às práticas que estejam direcionadas para e sobre o movimento, focalizando preponderantemente aspectos relacionados ao desenvolvimento de atitudes favoráveis à realização de atividades físicas e ao aprofundamento do entendimento de conceitos relacionados a essas atividades. (PARANÁ, 2006).

Compreendendo o perfil do educando da EJA, a Educação Física deverá valorizar a diversidade cultural dos educandos e a riqueza das suas manifestações corporais, a reflexão das problemáticas sociais e a corporalidade, “entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas” (PARANÁ, 2005), considerando os três eixos

norteadores do trabalho com a EJA que são a cultura, o trabalho e o tempo, como já foram apontados.

Com tudo isso apontado, os conteúdos a serem abordados devem levar em conta as características peculiares do perfil de educador dessa modalidade de ensino, seja de caráter presencial ou semi-presencial. Os conteúdos já abordados, que são relacionados com a cultura corporal de movimento, devem ser selecionados em função do projeto pedagógico elaborado pela escola, considerando os interesses dos alunos nas interações iniciais com o educador.

A Proposta Pedagógica Curricular.(PARANÁ, 2006), traz alguns comentários sobre os 3 princípios, apontados por BETTI, 2002, que devem ser aplicados e ponderados pelos educadores não somente de Educação Física, mas sim de todas as disciplinas presentes na EJA, e até dos professores de ensino regular; os três princípios são:

- Princípio da inclusão: tem como meta a participação e reflexões concretas e efetivas de todos os membros do grupo, buscando reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais.
- Princípio da Diversidade: aplica-se à construção da aprendizagem na escolha de objetivos e de conteúdos, que ampliem as relações entre os conhecimentos da cultura corporal de movimento e o perfil dos sujeitos da aprendizagem.
- Princípio de Autonomia: a relação com a cultura corporal de movimento, não se dá naturalmente, mas é fruto da construção e do esforço conjunto de professores e alunos através de situações concretas e significativas. A busca da autonomia pauta-se na ampliação do olhar da escola sobre o nosso objeto de estudo e aprendizagem. Essa autonomia significa a possibilidade de construção pelo educando dos seus conceitos, atitudes e procedimentos, ao invés de simples reprodução e memorização de conhecimentos. (BETTI, 2002 apud PARANÁ, 2006, p.48).

Alguns conteúdos são definidos como conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividades corporais e a

explicitação das suas significações objetivas. Alguns temas são abordados de uma forma de reflexão, como a saúde que é abordada levando em consideração a possibilidade de fornecer ao aluno uma consciência sobre o seu corpo e as suas funcionalidades. O esporte, o jogo, o lazer, a ginástica e a dança, também são conteúdos trabalhados na EJA, levando em conta aspectos como a socialização, discussões sobre a exclusão e até como uma forma de conhecimento corporal. Os conteúdos, segundo PARANÁ, (2006)², são divididos entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio seguindo a seguinte grade:

Saúde (Ensino Fundamental)	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de saúde - Atividade Física na produção de saúde - Sedentarismo - Postura - Anabolizantes e suas consequências - Controle de frequência cardíaca
Saúde (Ensino Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de Saúde - Obesidade - Stresse - Hábitos Alimentares - LER e DORT. - Ergonomia - Corpo do trabalhador e seus sacrifícios - Controle da frequência cardíaca - Envelhecer com saúde
Esportes (Ensino Fundamental e Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - Definições de Esporte - História e Origem - Princípios básicos (fundamentos) - Táticas e regras - Esporte como fenômeno global - Atividades Práticas
Jogos (Ensino Fundamental e Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de Jogo - Aspectos históricos sociais - Tipos de jogos: jogos cooperativos, jogos recreativos/ jogos lúdicos, jogos intelectuais, jogos de dramatização e jogos pré-desportivos. - Diferentes manifestações culturais - Atividades práticas
Ginástica (Ensino Fundamental e Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - História e origem - Tipos de ginástica: ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica. laboral e ginástica de academia - Princípios básicos - Atividades práticas
Dança (Ensino Fundamental e Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - História e origem - Tipos de dança: danças folclóricas, danças circulares, danças de salão, danças criativas - Expressão corporal/ atividades rítmicas - Danças da cultura local

² Este material é provisório, um texto preliminar, e no ano de 2006, está sendo construído um material de apoio didático, superando algumas questões desta versão preliminar.

	- Atividades práticas
Lazer (Ensino Fundamental e Médio)	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de lazer - Aproveitamento do tempo livre - Lazer e benefícios para saúde

Ao analisarmos os conteúdos podemos perceber que eles embasam algumas questões teóricas sobre cada tema, uma parte relacionada com a qualidade de vida e saúde em geral, e uma grande quantidade de atividades práticas. Primeiramente esta questão teórica sobre conceitos de saúde são necessárias serem abordadas perenemente nas aulas, para criar uma conscientização sobre o seu corpo e do próximo, através de atividades práticas. Porém muitas vezes essa fundamentação teórica é deixada de lado, pois o profissional de Educação Física não se sente capacitado para tal, tendo em vista a falta destes referenciais teóricos dentro da formação acadêmica, bem como também as particularidades de se trabalhar com o público da EJA. Este conteúdo é totalmente necessário para formar uma pessoa consciente e crítica com relação ao seu corpo e suas manifestações, porém toda esta base tem de ser passada aos alunos, de forma coerente e concisa dentro das aulas de Educação Física, que muitas vezes não conseguirão ser abordadas durante um ano letivo inteiro, tendo em vista a carga de horas/aula reduzidas.

Todo esse conteúdo necessita de uma forma de avaliação, que é realizada pelos módulos como já explicado anteriormente, e a forma de avaliação apontada pela Proposta Pedagógico - Curricular para a EJA, trata-se de entender a necessidade de uma avaliação qualitativa e voltada para a realidade. Proceder à avaliação na aprendizagem clara e consciente é entendê-la como processo contínuo e sistemático de obter informações, de perceber progressos e de orientar os alunos para a superação das suas dificuldades. A avaliação formativa seria um a forma mais correta para a disciplina dentro da EJA, ao meu entender, porém em alguns Ceebjas a Educação Física toma o caráter semi-presencial, portanto não teremos como

avaliar constantemente esse progresso do aluno, porém quando a disciplina toma este caráter à parte teórica torna-se obrigatória aos alunos que por meio de dispensas, como a carga de trabalho superior a oito horas diárias, acima de 45 anos e até se é mãe ou pai comprovado pela certidão de nascimento dos filhos, esses alunos são dispensados da parte prática, porém a parte teórica torna-se obrigatória, pois temos que ter um meio de avaliar os alunos.

4 OBSERVAÇÃO DE AULAS

Tendo em vista o meu trabalho proposto que é de ressaltar a importância e alguns aspectos da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais precisamente no Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) do SESC Centro (Serviço Social do Comércio) proponho a realização de uma pesquisa de campo. Em tal pesquisa utilizei como instrumentos de coleta de informações a observação das aulas e uma entrevista semi-estruturada. De acordo com a metodologia aplicada ao trabalho, esses dados só se darão por completo ao término da pesquisa, sendo a entrevista uma das últimas partes do trabalho, por isso apresentarei algumas observações das aulas que visa estabelecer o que é tratada pelo professor(a), pedagogias e metodologias mais coerentes com o grupo no qual é trabalhado e a entrevista semi-estruturada, que é apresentada com algumas questões que apontará informações ou opiniões sobre o tema, tendo em vista que só entrevistarei os professores responsáveis pelas turmas observadas.

Observação das aulas:

Durante o primeiro semestre de 2006, pude observar quatorze aulas com a professora responsável pela aula de Educação Física. A aula de Educação Física dentro do Ceebja do SESC Centro tem o caráter semi-presencial, ou seja, alguns alunos podem pedir dispensa das aulas práticas, e durante a aula o aluno pode assinar a lista e decidir se irá realizar a aula ou não. As aulas eram divididas em duas durante a semana, uma nas segundas-feiras com o intuito de aula teórica, nas quais eram passados alguns trabalhos a serem desenvolvidos durante o semestre, esses obrigatórios a todos os alunos. Nas quartas-feiras ocorriam as aulas práticas, que normalmente não atingiam grande grupo de alunos, tendo na média 10 alunos participando, o que delimitava o trabalho da professora que se utilizava da quadra do ginásio do SESC Centro para dar a aula.

Nas aulas práticas a professora abordou somente dois conteúdos durante o semestre, o futebol de salão (FUTSAL) e o Voleibol, sendo que as aulas começavam com um breve alongamento, e logo em seguida já ocorria a separação das equipes e começava o jogo, onde muitas vezes a professora estava presente para poder completar o time. Durante o jogo, caso ocorresse dúvidas dos alunos referente à

atividade a professora procurava explicar individualmente e de uma forma bem ampla, sem aprofundar muito na técnica do esporte, tratando a atividade até como uma forma recreativa. Essas aulas continham turmas mistas, e eram alternadas, uma aula Futsal e na outra Voleibol.

No segundo semestre de 2006, com a entrada de um outro professor, as aulas ficaram suspensas por dois meses, até que fosse definido o horário das aulas, que ocorriam fora do horário normal das aulas, que iniciavam as 19:00 horas, porém a Educação Física começava as 18:00 horas, fazendo com que muitos alunos não pudessem participar das atividades que agora ocorriam somente uma vez por semana, tendo um caráter inteiramente prático, e onde eram passados durante a semana, através de informativos os trabalhos teóricos obrigatórios a serem entregues no final de cada etapa, que fica dividida de vinte em vinte dias. Os conteúdos abordados nestas aulas práticas eram exatamente os citados anteriormente, devido ao professor ter que seguir com o planejamento sintético com que a professora tinha trabalhado durante o primeiro semestre.

Durante as aulas conversei sobre alguns aspectos apontados na entrevista, mas não a realizei propriamente dita, pois acredito que no primeiro momento uma conversa informal pudesse apresentar alguns pontos que talvez fossem omitidos em uma entrevista mais formal, algumas dessas perguntas foram:

1. Há quantos anos é formado?
R. Sou formada há 13 anos, mas atuei na área somente nos primeiros anos.
2. Há quantos anos atua na EJA?
R. É o segundo ano que estou dando aula para os alunos da EJA
3. Qual o seu contato sobre a EJA no âmbito acadêmico?
R. Não tive nenhum contato direto na faculdade, e só vim a saber da existência da disciplina de Educação Física dentro do Supletivo (antigo nome da EJA) após me formar.

Com relação à entrevista, também estabeleci contato com o professor que lecionava aulas antes desta professora referida a acima, porém ele não estava mais em contato com a EJA.

1. Há quanto tempo trabalha com a Ed. Física (na EJA ou fora dela)?
R. 15 anos na área
2. Há quanto tempo trabalha com a EJA?
R. 2 anos
3. Dificuldades em se trabalhar com a EJA?
R. Alunos que trabalham durante o dia e chegam cansados pela noite
4. Qual a importância da Ed. Física na EJA?
R. Prática e incentivo a atividades físicas, sociabilização, proporcionar atividades de lazer e relaxamento.
5. Na opinião do professor: quem são os alunos de EJA? Como pode ser desenvolvido a Ed. Física para esses alunos?
R. Os alunos, homens e mulheres encontram-se na faixa etária média de 18 a 40 anos, em uma classe social variante entre C e B. Trabalho com ênfase no lazer, aonde o resultado seja um acréscimo de desenvolvimento biopsicosocial.
6. Como lidar com as diferenças de faixa etária?
R. Através de atividades que possibilitem a participação de todos, afastando da performance e rendimento, competindo consigo mesmo, superando seus limites.

Estes foram alguns dos dados coletados com os profissionais, e pelas observações das aulas, que por uma primeira análise já se pode relatar que está atendendo aos conteúdos propostos por pela Proposta Pedagógico-Curricular da SEED.

5 REFLEXÕES FINAIS

Ao término deste trabalho e através das análises dos resultados das observações das aulas de Educação Física na EJA, como também as experiências vividas com o trabalho, as análises dos documentos, as entrevistas com os professores que estão atuantes no meio da Educação de Jovens e Adultos e que já tem uma grande experiência neste modelo de ensino, bem como as suas experiências sobre esse assunto dentro do âmbito acadêmico.

A EJA, ao passar do tempo, através da sua evolução gradual devido ao aumento da demanda e das necessidades encontradas, como na década de 60 com o início das manifestações a cerca da alfabetização de adultos, como a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), demonstra que o governo brasileiro sempre teve intenção de dar oportunidades àquelas pessoas, que por diversos motivos tinham que largar os estudos antes da sua conclusão, o que os deixa em uma situação de exclusão com relação à parcela da população, que está periodizada nos estudos. Por esses motivos que o Ministério da Educação e Cultura (MEC), visam dar oportunidades a essas pessoas, de estar em dia com seus estudos, principalmente devido à exigência do mercado, o qual seleciona os mais capacitados, não estou dizendo que uma pessoa que não tem o segundo grau completo é menos capacitada para um determinado emprego do que aquele que já completou o ensino médio, mas que os empregadores analisam todas esses quesitos na contratação do seu funcionário, o qual está também entrando cada vez mais cedo no mercado, forçando a fazer algumas escolhas, ou o emprego ou a escola. É esse o intuito que a EJA, antigamente denominado também de Supletivo, de dar oportunidade para a inclusão neste modelo de sociedade exigente em que vivemos.

Fazendo análise dos documentos e da situação no estado do Paraná, no qual concentrei minhas pesquisas, podemos analisar a importância que é colocada nos documentos de tratar de um público que é diferenciado do ensino regular, não pelas diferenças sociais, raciais e etárias que estão presentes nas modalidades de ensino fundamental e médio em todas as escolas do Brasil, mas o grande diferencial deste grupo são três pontos como trata PARANÁ, 2005, que traz o trabalho, cultura e tempo como eixos articuladores desta modalidade de ensino, principalmente quando

pensado na formulação do seu currículo, bem como nas suas diretrizes e metodologias para atender ao perfil do educando da EJA.

Com análise a estes documentos que traziam o currículo da EJA, e seus conteúdos a serem abordados nas disciplinas presentes no Ensino Fundamental que está dividido em Fase I e II, e no Ensino Médio, os quais apresentam algumas diferenças dentre as disciplinas, bem como a sua carga horária obrigatória, a qual podemos perceber e analisar sobre a importância que é dada a disciplina, bem como a sua relevância dentro das necessidades em que o aluno está inserido. Como objetivo do trabalho, que é a importância da Educação Física relacionada com a EJA, podemos fazer uma análise do quadro das disciplinas e também do que diz PARANÁ, 2006, onde ele trata que a presença da Educação Física como componente curricular da Base Nacional Comum da Educação de Jovens e Adultos apresenta um avanço no entendimento da importância dessa disciplina na formação da cidadania, o que apresentaria um grande avanço para a nossa área, mas ao analisarmos os quadros do ensino fundamental e do ensino médio, percebemos que a carga de horária da disciplina de Educação Física, nas duas etapas de ensino, são as menores de toda a matriz curricular, como por exemplo, no Ensino Fundamental – Fase II, a Educação Física tem um total de 54 horas, contra 226 horas de Português e Matemática, não discriminando as outras disciplinas também importantes para a formação do indivíduo, mas sim a diferença tão expressiva entre as disciplinas, pondo em contradição o fato do avanço e do aumento da importância da Educação Física como tratado acima.

Podemos perceber o tamanho desta preocupação com a nossa área ao analisarmos o currículo vigente no curso de Educação Física na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde em um curso de um total de oito semestres, este assunto só seja tratado no oitavo semestre e somente no curso de Licenciatura, onde uma disciplina de 60 horas/aula tem na sua ementa além de tratar da EJA, abordar a educação indígena e a educação no campo, como em assentamentos sem terra, tendo, tratando de uma divisão justa, 20 horas/aula para tratar sobre esses três assuntos de relevância social, e de mais um campo de trabalho para o profissional de Educação Física, que em muitos casos, sai despreparado e sem a vivência destas situações de ensino, tendo somente um aparato teórico, algumas realizações práticas, porém algumas vezes não condizentes com a realidade

encontrada em um Ceebja, como o do Sesc Centro, local onde foram realizadas as observações das aulas, e as entrevistas com os docentes.

As aulas observadas e a convivência com este grupo de alunos freqüentadores das aulas de Educação Física trouxeram vários pontos a serem apontados e analisados.

Primeiramente a realidade dos alunos do Sesc, são pessoas que freqüentam uma escola particular, tendo em vista que é cobrada uma mensalidade destes alunos, e que dentro das divisões do ensino da EJA, a disciplina de Educação Física é semi-presencial, ou seja, alguns alunos conseguem dispensas das aulas através de alguns documentos que os libera da aula prática, porém não dos trabalhos teóricos. Tratando-se de uma disciplina semi-presencial, os alunos podem chegar na aula assinarem uma lista que o professor fornece, e ir embora, o que acontece com mais freqüência nestas aulas, tendo em vista que o horário desta disciplina, nesta realidade observada, foge do horário regular da aula, que começa as 19:00 horas e acaba as 22:10 ou 22:50 horas, sendo assim as aulas de Educação Física, ocorrem no período das 18:00 até as 18:50, ou seja, fora do horário regular da aula, o que dificulta ainda mais aos alunos irem a aula, pois alguns trabalham até as 19:00 horas, impossibilitando de ir as aulas, o que analisando através dos documentos estaria totalmente errado, pois estando a Educação Física regulamentada no currículo da EJA, ela deveria estar presente dentro do horário previsto de aula, mostrando novamente a despreocupação com a disciplina.

As aulas que ocorreram neste período da observação trataram de assuntos relacionados ao Esporte durante as aulas práticas, temas previstos na grade da disciplina, junto com outros temas como a Saúde, Jogos, Dança e Lazer, que foram abordados durante dois trabalhos realizados neste período da observação, relacionados com a saúde, com o tema sobre a obesidade e qualidade de vida, bem como o lazer e a atividade física, trabalhos que traziam em muitos casos opiniões próprias, sem embasamento teórico, necessário para justificar as idéias expostas.

Com relação à formação dos professores, um dos principais temas deste trabalho, foram realizadas duas entrevistas com os professores atuantes no Ceebja do Sesc Centro, as quais demonstraram as diferenças em trabalhar no ensino regular e na modalidade da EJA, metodologias de trabalho, dificuldades com relação ao público participante, e nenhum embasamento teórico e específico da nossa área,

o que não serviria como uma receita de bolo, para ser seguida à risca, mas sim como uma diretriz, uma forma de conduzir este grupo tão heterogêneo, mas que estão na EJA pelo mesmo objetivo, e que necessitam de professores qualificados, para que possam adquirir com plenitude todos os objetivos e metas propostas para formarem cidadãos que buscam uma inserção no mercado de trabalho e principalmente na sociedade.

REFÊRENCIAS

BRASIL. **A responsabilidade da união, estado e municípios com a alfabetização de jovens e adultos**, 2003/04.

_____. **Diretrizes nacionais para a educação de jovens e adultos**. Ministério da Educação, Brasília, 2000.

BRASÍLIA, DF. **Educação de jovens e adultos: salto para o futuro**, 1999.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Out. 2005, vol.26, nº. 92, p.1115-1139. ISSN 0101-7330.

_____. & JOIA, ORLANDO e RIBEIRO, VERA MASAGÃO. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Caderno CEDES**, nov. 2001, vol.21, nº.55, p.58-77. ISSN 0101-3262.

GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. A Relação Educativa na Educação de Jovens e Adultos: suas repercussões no enfrentamento das ressonâncias da condição de exclusão social. **Educação de Pessoas Jovens e Adultas** /n.18, UFMG, 2001.

MOURA, Tânia Maria de Mello contribuições Freire, Ferreiro e Vygotsky – **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**. Maceió, EDUFAL, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho encomendado pelo GT “Educação de pessoas jovens e adultas” e apresentado na 22ª Reunião Anual ANPEd – 26 a 30 de Setembro de 1999 – Caxambu.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação de Jovens e Adultos**. Versão Preliminar. SEED. 2005.

_____. **Proposta Pedagógico-Curricular**. Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental e Médio. SEED. 2006

RIBEIRO, Vera Masagão. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. **Educação e Sociedade**, dez. 1999, vol.20, nº.68, p.184-201. ISSN 0101-7330.

_____. **Educação de Jovens e Adultos**. Novos Leitores, Novas Leituras, Campinas-SP: Ação Educativa, 2001

ROGERS, Jennifer. **Ensino de Adultos**. Lisboa, Pórtico, 1974.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A Educação de jovens e adultos. Histórias e Memórias da década de 60**.